



EDITORIAL

A *Revista Discurso & Imagem Visual em Educação (RDIVE)* finaliza o ano com a publicação do volume 3, nº. 2, de 2018, **Múltiplas linguagens e educação**. Neste número, o leitor encontrará nove textos, escritos, individual ou em coautoria, por estudiosos e pesquisadores envolvidos em distintas práticas educativas em várias localidades e instituições. Os escritos tratam de alguma faceta do fenômeno educativo e seus entrelaçamentos com a linguagem não verbal. Uns, focam questões especificamente pedagógicas; outros correlacionam elementos discursivos e do universo cultural da imagem visual.

A Seção *Artigos* reúne seis produções. A primeira, intitulada **Análise semiótica de imagens do livro didático de Língua Portuguesa**, das autoras Micarla Lopes de Farias e Evelyn Fernandes Azevedo Faheina, resultou de um trabalho de conclusão de curso que registra o estudo, a investigação e a sistematização de alguns achados referentes à problemática das imagens no contexto da sociedade contemporânea e de seus efeitos no espaço da escola, mediado pelo livro didático de Língua Portuguesa. Preocupadas com essa questão, as autoras, à luz da abordagem semiótica de Peirce (2012), especificamente, sua segunda composição tricotômica (*ícone, índice, símbolo*), e as etapas dos efeitos sígnicos, gerados durante a *primeiridade, a secundidade e a terceiridade*, analisam a presença e o funcionamento de imagens contidas nos livros didáticos do 4º e do 5º anos pertencentes à Coleção *Português: Linguagens*, da Editora Saraiva. A segunda produção, **A retextualização no gênero: um processo composicional no meio educacional?** de Ana Cátia Silva de Lemos Colares e Saniela Lima Oliveira, discute sobre os gêneros da esfera digital em pesquisas sobre o assunto na área da Linguística Textual e nas diretrizes de ensino da língua portuguesa, mais especificamente, o gênero meme. A reflexão se apoia em Marcuschi (2010), no modelo de Swales (1990), nos apontamentos de Heimais e Biasi-Rodrigues (2005), em Araújo (2016) e em Lisboa (2015). A terceira produção, denominada de **O discurso emergente da libras: dificuldades para implementação no**



contexto educacional, de Genilson de Souza Silva, apresenta um estudo bibliográfico sobre os surdos na rede de ensino do Brasil. O autor orientou sua investigação a partir da hipótese de que, no Brasil, a educação para surdos não está adequada, não obstante a luta no sentido de oferecer uma educação inclusiva e de boa qualidade. A quarta produção, **A educação racial e de gênero na sala de aula: a imagem como recurso pedagógico**, de Antonis Pereira da Silva, problematiza questões de natureza étnico-racial e de gênero na sala de aula, por meio de recursos imagéticos. Para isso, fundamentou-se em Carlos (2012), Felinto (2012), Cantarino (2007), Freire, (1996), Carvalho, Andrade e Junqueira (2009), Silva (2011), Botelho e Marques (2015), Lakatos (2003) e Minayo (2009). Na quinta produção, intitulada **A arte cinematográfica na educação escolar quilombola: modos de educar Gurugi e Ipiranga**, as autoras Jaquicilene Ferreira da Silva Alves e Patrícia Cristina de Aragão trazem uma abordagem sobre o papel educativo do cinema e suas potencialidades na educação escolar quilombola dos anos iniciais. Trata-se de um artigo de reflexão, decorrente das problematizações desenvolvidas na dissertação de Mestrado em andamento, em que se apresenta a inclusão da experiência da arte cinematográfica em uma escola localizada nas comunidades de Gurugi e Ipiranga, na cidade do Conde – Paraíba. O aporte teórico foi baseado nos estudos de Candau (2013), Duarte (2002), Fresquet (2015; 2017), Migliorin (2015; 2016) e Morin (2003) e respaldado na Lei 13.006/14, que inclui o cinema na escola. Por fim, a produção **Entre as teorias do cinema e as da educação: enxergar e escutar o feminismo**, de Rafael Romão Silva, analisa o emprego concreto de teorias do audiovisual com base em noções educativas de Antoni Zabala.

A Seção *Sistematização de Estudos e Experiências* contempla três reflexões fundamentadas em estudos e no chão da experiência vivida no território da educação. Na primeira, **O uso da imagem na perspectiva freireana como mediação para a formação da consciência ecológica na EJA**, Dafiana do Socorro Soares Vicente Carlos discute sobre o uso da imagem na EJA, numa perspectiva freireana. A autora defende que o diálogo com as imagens é um dispositivo pedagógico que media o desenvolvimento do cuidado com o meio ambiente e, assentada em seus estudos e em suas experiências, conclui que o uso da imagem na educação de jovens e adultos, a partir das propostas de Freire, contribui para formar seres criadores e criativos e para formar uma consciência



ecológica. Na segunda seção, denominada de **O uso didático-pedagógico da imagem visual em geografia**, de Ricardo Santos de Almeida, à luz de Foucault (2008); Carlos (2017); Melo *et al* (2018), Melo (2017), Freire (1967 e 1981), Weffort (1967), Cavalcanti (2010) e Santos (2008) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), problematiza a relevância da aprendizagem do conhecimento da disciplina Geografia, mediado pelo uso da imagem visual, em uma turma do Ensino Médio na modalidade da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) de uma escola pública estadual de Pariconha – AL - através do uso da imagem visual como objeto de conhecimento geográfico, seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Devido à sua experiência, o autor conclui que ensinar o conhecimento geográfico com imagens visuais torna o aprender mais significativo para os educandos. Por fim, o texto **A fotografia no debate sobre a identidade étnico-racial nas escolas: o Projeto de Extensão ‘Luz Negra’**, de Rostand de Albuquerque Melo, Joyce de Sousa Lima e Ana Júlia Morais Soares, registra a realização de oficinas de fotografia que ocorreram em 2018, em duas escolas da Rede Pública de Campina Grande-PB, como parte do ‘Projeto de Extensão Luz Negra’, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A fim de contribuir com a discussão sobre a inclusão da cultura afro-brasileira no currículo escolar, o projeto recorreu a dispositivos didáticos da Educomunicação e da fotografia, como um elemento de representação social da realidade da cultura negra.

Como se pode ver, cada texto, a seu modo, traz à luz uma série de problemas interessantes e relevantes, que, de algum modo, inquietam, incomodam e provocam nossa atenção, sobretudo quando lidamos com a educação, o discurso e a visualidade no cotidiano de nosso fazer profissional.

Nosso desejo é o de que a leitura atenciosa e curiosa dos textos publicados neste número possa apontar alguma resposta para alguma pergunta que se tenha; motivar a continuidade da labuta pedagógica cotidiana e, quem sabe, acender a esperança de que algo sempre pode ser feito e transformado.

Boa leitura!

Erenildo João Carlos
Editor-chefe da RDIVE